

Esta história é trazida a você por [Ririro.com/pt](http://Ririro.com/pt) gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



# Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

## A Rainha de Quok

Um rei morreu, como é comum entre os reis, sendo tão propenso à falta de ar quanto qualquer outro mortal. Era hora de o rei deixar sua vida na Terra, pois ele vivera de forma excessivamente extravagante e seus súditos podiam se livrar dele sem o menor inconveniente. Seu pai lhe deixara um tesouro cheio, tanto de dinheiro quanto de joias em abundância. Mas o rei falecido, tolo, havia desperdiçado cada centavo em uma vida de festas e excessos. Então ele impôs pesados impostos sobre seus súditos, até que a maioria se tornasse pobre, e esse dinheiro desapareceu em mais festas e desperdícios. Em seguida, ele vendeu todos os móveis antigos e magníficos do palácio; toda a prata e ouro de talheres e objetos; todos os tapetes e móveis luxuosos, e até mesmo seu próprio guarda-roupa real, deixando apenas uma capa de arminho suja e infestada de traças para cobrir suas vestes esfarrapadas. E ele gastou o dinheiro em mais festas e excessos.

Não me peça para explicar o que é viver dessa forma. Só sei, por boatos, que é uma excelente maneira de se desfazer do dinheiro. E foi exatamente isso que aconteceu com esse rei gastador.

Ele então retirou todas as joias magníficas da coroa real e do globo que estava no topo do cetro, vendeu-as e gastou o dinheiro. E, claro, em festas e mais festas. Mas, finalmente, ele chegou ao fim dos seus recursos.

Não podia vender a própria coroa, pois só o rei tinha o direito de usá-la. Também não podia vender o palácio real, pois só o rei tinha o direito de morar lá.

Então, por fim, ele se viu reduzido a um palácio vazio, contendo apenas uma grande cama de mogno, onde dormia, um pequeno banco onde se sentava para tirar os sapatos e a capa de arminho infestada de traças.

Nessa situação, ele se viu forçado a pedir emprestado um trocado de seu conselheiro principal, para comprar um sanduíche de presunto. E o conselheiro principal não tinha muitos trocados. Quem aconselhava um rei tão tolo também estava arruinando suas próprias perspectivas.

Então, o rei, sem mais o que viver, morreu repentinamente, deixando um filho de dez anos para herdar o reino despedaçado, a capa infestada de traças e a coroa sem joias.

Ninguém invejou a criança, que mal fora lembrada até se tornar rei. Mas, quando isso aconteceu, ele foi reconhecido como uma pessoa de alguma importância, e os políticos e aproveitadores, liderados pelo conselheiro principal do reino, realizaram uma reunião para decidir o que poderiam fazer por ele.

Esses indivíduos haviam ajudado o velho rei a viver de forma exagerada enquanto o dinheiro ainda estava disponível, e agora estavam pobres e muito orgulhosos para trabalhar. Então, tentaram pensar em um plano que trouxesse mais dinheiro para o pequeno tesouro do rei, para que fosse mais fácil ajudá-los.

Após a reunião, o conselheiro principal se aproximou do jovem rei, que estava brincando de pião no pátio, e disse:

“Majestade, pensamos em uma forma de restaurar o reino à sua antiga potência e magnificência.”

“Certo,” respondeu o rei, com desdém. “Como farão isso?”

“Casando-o com uma senhora de grande riqueza,” respondeu o conselheiro.

“Casar?!” exclamou o rei. “Mas eu só tenho dez anos!”

“Sei, é lamentável. Mas a majestade crescerá, e os assuntos do reino exigem que se case com uma esposa.”

“Não posso casar com uma mãe, ao invés?” perguntou o pobre rei, que havia perdido a mãe quando bebê.

“Certamente não,” declarou o conselheiro. “Casar com uma mãe seria ilegal; casar com uma esposa é certo e adequado.”

“Você não pode casar com ela?” perguntou o rei, mirando seu pião no pé do conselheiro principal, rindo ao ver como ele pulou para escapar.

“Deixe-me explicar,” disse o conselheiro. “Você não tem um centavo no mundo, mas tem um reino. Existem muitas mulheres ricas que ficariam felizes em dar sua riqueza em troca de uma coroa de rainha—mesmo que o rei seja apenas uma criança. Então decidimos anunciar que quem oferecer mais será a rainha de Quok.”

“Se eu tenho que casar de qualquer forma,” disse o rei, após um momento de reflexão, “prefiro casar com Nyana, a filha do ferreiro.”

“Ela é muito pobre,” respondeu o conselheiro.

“Os dentes dela são pérolas, os olhos são ametistas e o cabelo é ouro”, declarou o pequeno rei.

“Verdade, majestade. Mas considere que a riqueza de sua esposa deve ser usada. Como Nyana ficaria depois

que você arrancasse seus dentes de pérolas, arrancasse seus olhos de ametista e raspasse sua cabeça dourada?” O menino estremeceu.

“Faça do seu jeito,” ele disse, desesperado. “Só faça com que a senhora seja o mais delicada possível e uma boa companheira de brincadeiras.”

“Faremos o nosso melhor,” respondeu o conselheiro-chefe, e foi embora para anunciar, pelos reinos vizinhos, que estavam procurando uma esposa para o pequeno rei de Quok.

Havia tantas candidatas ao privilégio de se casar com o pequeno rei que foi decidido colocá-lo em um leilão, para que a maior quantia possível de dinheiro fosse trazida ao reino.

Assim, no dia marcado, as senhoras se reuniram no palácio, vindas de todos os reinos vizinhos — de Bilkon, Mulgravia, Junkum e até da república de Macvelt.

O conselheiro-chefe chegou ao palácio cedo pela manhã, lavou o rosto do rei e penteou seu cabelo; depois, ele colocou jornais velhos dentro da coroa para ajustá-la o suficiente para caber na cabeça de Sua Majestade. Era uma coroa triste, com muitos buracos grandes e pequenos onde as joias haviam estado; e estava negligenciada e amassada até estar bem machucada e enferrujada. No entanto, como disse o conselheiro, era a coroa do rei, e era completamente adequado que ele a usasse na ocasião solene de seu leilão.



Como todos os meninos, fossem reis ou mendigos, Sua Majestade rasgou e sujou sua única roupa, de modo que estava praticamente irreconhecível; e não havia dinheiro para comprar novas. Portanto, o conselheiro envolveu o velho manto de arminho em torno do rei e o colocou sobre o banquinho no meio da câmara de audiências, que estava vazia, exceto por ele.

E ao redor dele estavam todos os cortesãos, políticos e parasitas do reino, compostos por pessoas que eram orgulhosas ou preguiçosas demais para trabalhar para viver. Havia uma grande quantidade deles, você pode ter certeza, e eles causavam uma impressão imponente. Então, as portas da câmara de audiências foram abertas, e as ricas senhoras que aspiravam a ser a rainha de Quok entraram em grupo. O rei as observou com muita ansiedade e concluiu que cada uma delas era velha o suficiente para ser sua avó, e feia o suficiente para espantar os corvos dos campos reais de milho. Depois disso, ele perdeu o interesse por elas.

Mas as senhoras ricas nunca olharam para o pobre pequeno rei, sentado no banquinho. Elas se reuniram imediatamente ao redor do conselheiro-chefe, que atuava como leiloeiro.

“Quanto me oferecem pela coroa da rainha de Quok?” perguntou o conselheiro, em voz alta.

“Onde está a coroa?” perguntou uma senhora fuxiqueira que acabara de enterrar seu nono marido e valia vários milhões.

“Não há coroa no momento,” explicou o conselheiro-chefe, “mas quem oferecer mais terá o direito de usá-la, e poderá comprá-la depois.”

“Ah,” disse a senhora fuxiqueira, “entendi.” Então ela acrescentou: “Eu ofereço quatorze dólares.”

“Catorze mil dólares!” exclamou uma mulher de aparência azeda, alta e magra, com rugas por toda a pele — “como uma maçã congelada,” pensou o rei.

O leilão agora se tornou rápido e furioso, e os cortesãos empobrecidos se animaram à medida que a quantia começava a subir para os milhões.

“Ele vai nos trazer uma fortuna bem bonita, afinal,” sussurrou um para seu companheiro, “e então teremos o prazer de ajudá-lo a gastar.”

O rei começou a ficar ansioso. Todas as mulheres que pareciam minimamente gentis ou agradáveis haviam parado de oferecer por falta de dinheiro, e a velha senhora magra e enrugada parecia determinada a conseguir a coroa a qualquer preço, e com ela o marido menino. Essa criatura idosa ficou tão excitada que sua peruca ficou torta na cabeça e seus dentes postiços começaram a cair, o que horrorizou muito o pequeno rei; mas ela não desistiu.

Finalmente, o conselheiro-chefe terminou o leilão gritando:

“Vendido para Mary Ann Brodjinsky de la Porkus por três milhões, novecentos mil, seiscentos e vinte e quatro dólares e dezesseis centavos!” E a senhora de aparência azeda pagou o dinheiro em dinheiro e no ato, o que prova que isto é uma história de fadas.

O rei ficou tão perturbado com a ideia de ter que se casar com essa criatura horrível que começou a chorar e lamentar-se; onde a mulher lhe deu um tapa nas

orelhas. Mas o conselheiro a repreendeu por punir seu futuro marido em público, dizendo:

“Você ainda não é casada. Espere até amanhã, depois que o casamento acontecer. Então você poderá abusá-lo o quanto quiser. Mas por enquanto, preferimos que as pessoas pensem que isto é um casamento por amor.”

O pobre rei dormiu pouco naquela noite, tão cheio de terror com sua futura esposa. Nem conseguia tirar da cabeça a ideia de que preferia casar com a filha do ferreiro, que tinha a mesma idade que ele. Ele se revirava em sua cama dura até que a luz da lua entrou pela janela e se espalhou pelo chão como um grande lençol branco. Finalmente, ao virar-se pela centésima vez, sua mão esbarrou em uma mola secreta no encosto da grande cama de mogno, e imediatamente, com um clique, um painel se abriu.

O barulho fez com que o rei olhasse para cima, e, vendo o painel aberto, ele se levantou na ponta dos pés, e, alcançando lá dentro, retirou um papel dobrado. Ele tinha várias folhas presas como um livro, e na primeira página estava escrito:

“Quando o rei estiver em apuros

Esta folha ele deve dobrar

E colocá-la no fogo

Para obter o seu desejo.”

Isso não era lá uma grande poesia, mas quando o rei conseguiu ler sob a luz da lua, ficou cheio de alegria.

“Não há dúvida de que estou em apuros,” exclamou ele;

“então vou queimá-la de uma vez e ver o que acontece.”

Ele arrancou a folha e colocou o resto do livro em seu esconderijo secreto. Então, dobrando o papel, colocou-o

sobre o banquinho, acendeu um fósforo e ateou fogo nele.

Ficou uma fumaça horrível para um papel tão pequeno, e o rei sentou na beirada da cama e observou ansiosamente.

Quando a fumaça se dissipou, ele ficou surpreso ao ver, sentado sobre o banquinho, um homem pequeno e redondo, que, com os braços cruzados e as pernas dobradas, sentava calmamente de frente para o rei, fumando um cachimbo de madeira preta.

“Bem, aqui estou,” disse ele.

“Eu vejo,” respondeu o pequeno rei. “Mas como você chegou aqui?”

“Você não queimou o papel?” perguntou o homem redondo, como resposta.

“Sim, eu queimei,” admitiu o rei.

“Então você está em apuros, e eu vim ajudá-lo a sair deles. Sou o Escravo da Cama Real.”

“Ah!” disse o rei. “Eu não sabia que havia um.”

“Nem o seu pai sabia, ou ele não teria sido tão tolo a ponto de vender tudo o que tinha por dinheiro. A propósito, ainda bem que ele não vendeu esta cama. Agora, o que você quer?”

“Não tenho certeza do que quero,” respondeu o rei; “mas sei o que não quero, e isso é a velha que vai se casar comigo.”

“Isso é fácil,” disse o Escravo da Cama Real. “Tudo o que você precisa fazer é devolver a ela o dinheiro que ela pagou ao conselheiro-chefe e declarar que o casamento está cancelado. Não tenha medo. Você é o rei, e sua palavra é a lei.”

“Claro,” disse a majestade. “Mas estou precisando muito de dinheiro. Como vou viver se o conselheiro-chefe devolver à Mary Ann Brodjinski seus milhões?”

“Pfff! Isso é fácil,” respondeu novamente o homem, e, colocando a mão no bolso, ele retirou e jogou para o rei uma bolsa de couro antiquada. “Guarda isso com você,” disse ele, “e você será sempre rico, pois poderá tirar da bolsa quantas moedas de prata de 25 centavos desejar, uma por vez. Não importa quantas você tire, outra vai aparecer imediatamente no lugar dela dentro da bolsa.”

“Obrigado,” disse o rei, grato. “Você me fez um grande favor; agora terei dinheiro para todas as minhas necessidades e não precisarei me casar com ninguém. Mil vezes obrigado!”

“Não mencione isso,” respondeu o outro, fumando lentamente seu cachimbo e observando a fumaça subir na luz da lua. “Essas coisas são fáceis para mim. Isso é tudo o que você quer?”

“Tudo o que consigo pensar por agora,” respondeu o rei.

“Então, por favor, feche o painel secreto na cama,” disse o homem; “as outras folhas do livro podem ser úteis para você algum dia.”

O garoto subiu na cama como antes e, alcançando, fechou a abertura para que ninguém mais pudesse descobri-la. Então ele se virou para encarar seu visitante, mas o Escravo da Cama Real já havia desaparecido.

“Eu esperava isso,” disse sua majestade; “ainda assim, lamento que ele não tenha esperado para se despedir.”

Com o coração aliviado e um grande sentimento de conforto, o pequeno rei colocou a bolsa de couro debaixo

do travesseiro e, subindo novamente na cama, dormiu profundamente até a manhã.

Quando o sol nasceu, sua majestade também se levantou, renovado e confortado, e a primeira coisa que fez foi mandar chamar o conselheiro-chefe.

Aquela grande pessoa chegou com uma aparência carrancuda e infeliz, mas o garoto estava tão cheio de sua própria sorte que não percebeu isso. Disse ele:

“Decidi não me casar com ninguém, pois acabei de ganhar uma fortuna. Portanto, eu ordeno que você devolva àquela velha o dinheiro que ela pagou para ter o direito de usar a coroa da rainha de Quok. E faça uma declaração pública de que o casamento não acontecerá.”

Ouvindo isso, o conselheiro começou a tremer, pois viu que o jovem rei tinha decidido reinar de verdade; e ele parecia tão culpado que sua majestade perguntou:

“Bem! O que há de errado agora?”

“Majestade,” respondeu o infeliz, com uma voz trêmula, “não posso devolver o dinheiro da mulher, pois o perdi!”

“Perdeu?” exclamou o rei, misturando espanto e raiva.

“Sim, Majestade. No caminho de volta para casa após o leilão ontem à noite, parei na farmácia para comprar alguns pastilhas de potassa para minha garganta, que estava seca e rouca de tanto falar alto; e sua majestade deve admitir que foi graças aos meus esforços que a mulher foi convencida a pagar tão grande quantia. Pois bem, ao entrar na farmácia, deixei descuidadamente o pacote de dinheiro sobre o banco da minha carruagem, e quando saí novamente, ele já tinha sumido. E o ladrão não estava em lugar algum para ser visto.”

“Você chamou a polícia?” perguntou o rei.

“Sim, chamei; mas todos estavam na quadra seguinte, e embora tenham prometido procurar o ladrão, tenho pouca esperança de que o encontrem.”

O rei suspirou.

“O que devemos fazer agora?” perguntou.

“Receio que você precise casar com Mary Ann Brodjinski,” respondeu o conselheiro-chefe; “a menos, claro, que ordene ao carrasco que corte a cabeça dela.”

“Isso seria errado,” declarou o rei. “A mulher não deve ser prejudicada. E é justo que devolvamos o dinheiro dela, pois não vou me casar com ela em nenhuma circunstância.”

“Aquela fortuna particular que você mencionou é grande o suficiente para reembolsá-la?” perguntou o conselheiro.

“Sim,” disse o rei, pensativo, “mas vai levar algum tempo para fazer isso, e essa será sua tarefa. Traga a mulher aqui.”

O conselheiro foi buscar Mary Ann, que, ao ouvir que não seria rainha, mas receberia seu dinheiro de volta, ficou tão furiosa que deu um tapa nos ouvidos do conselheiro-chefe com tanta força que eles doeram por quase uma hora. Mas ela o seguiu até a câmara do rei, onde exigiu seu dinheiro em voz alta, reclamando também os juros devidos sobre ele durante a noite.

“O conselheiro perdeu seu dinheiro,” disse o rei menino, “mas ele pagará cada centavo com meu próprio dinheiro pessoal. Temerei, no entanto, que você seja obrigada a recebê-lo em troca.”

“Isso não importa,” disse ela, encarando o conselheiro como se desejasse atingir seus ouvidos novamente; “não

me importa o quanto o troco seja, desde que eu receba cada centavo que me pertence, e os juros. Onde está?”

“Aqui,” respondeu o rei, entregando ao conselheiro a bolsa de couro. “Está tudo em moedas de 25 centavos, e elas devem ser retiradas da bolsa uma por vez; mas haverá o suficiente para pagar suas exigências, e sobrar.”

Como não havia cadeiras, o conselheiro se sentou no chão, em um canto, e começou a contar as moedas de 25 centavos da bolsa, uma a uma. E a velha mulher sentou-se no chão, em frente a ele, e pegou cada moeda de sua mão.

Era uma grande quantia: três milhões, novecentos mil, seiscentos e vinte e quatro dólares e dezesseis centavos. E são necessárias quatro vezes mais moedas de 25 centavos do que dólares para fazer a quantia.

O rei os deixou lá sentados e foi para a escola, e muitas vezes depois disso ele ia até o conselheiro e o interrompia o tempo suficiente para retirar da bolsa o dinheiro que precisava para reinar de maneira adequada e digna. Isso atrasava um pouco a contagem, mas como era um trabalho longo, não importava muito.

O rei cresceu e casou-se com a bonita filha do ferreiro, e agora eles têm dois filhos adoráveis. De vez em quando, eles entram na grande câmara do palácio e deixam os pequenos assistirem o conselheiro envelhecido e de cabelo branco contar moedas de 25 centavos para uma velha mulher murcha, que observa cada movimento dele para ver se ele não a engana.

É uma grande quantia, três milhões, novecentos mil, seiscentos e vinte e quatro dólares e dezesseis centavos em moedas de 25 centavos.

Mas assim foi que o conselheiro foi punido por ser tão descuidado com o dinheiro da mulher. E assim foi que Mary Ann Brodjinski de la Porkus também foi punida por desejar casar-se com um rei de dez anos para poder usar a coroa da rainha de Quok.